

JACQUELINE ARRUDA DE MELO CARVALHO

**O BRINQUEDO, AS BRINCADEIRAS E O BRINCAR EM
AMBIENTES DIVERSIFICADOS: CONTRIBUIÇÃO PARA A
APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

GOIÂNIA

2020

JACQUELINE ARRUDA DE MELO CARVALHO

**O BRINQUEDO, AS BRINCADEIRAS E O BRINCAR EM
AMBIENTES DIVERSIFICADOS: CONTRIBUIÇÃO PARA A
APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia elaborada para fins de avaliação
parcial de Trabalho de Conclusão de Curso,
do Curso de Pedagogia, da Escola de
Formação de Professores e Humanidades da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Ma. Zélia Maria Borges

GOIÂNIA
2020

JACQUELINE ARRUDA DE MELO CARVALHO

**O BRINQUEDO, AS BRINCADEIRAS E O BRINCAR EM
AMBIENTES DIVERSIFICADOS: CONTRIBUIÇÃO PARA A
APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Profª Orientadora: Ma. Zélia Maria Borges _____

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Profª Convidada: Ma. Márcia Curado _____

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Nota Final: _____ ()

Goiânia, ___/___/2020

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha mãe Gleice Arruda, que me oportunizou seguir seus passos e me apaixonar pelo mundo da Pedagogia, onde consegui encontrar a minha paixão pelo estudo e pelo ensino.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que muitas vezes tiveram que abdicar da minha presença em favor do meu crescimento pessoal e acadêmico, agradeço aos meus amigos pelo apoio e paciência durante a construção desse trabalho e por fim agradeço ao meu companheiro por me incentivar e acreditar na minha capacidade e perseverança e me mostrá-las quando eu precisava.

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” (Paulo Freire).

SUMÁRIO

RESUMO.....	Erro! Indicador não definido.
INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO 1	Erro! Indicador não definido.
1.1	Erro! Indicador não definido.
1.2	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO 2	Erro! Indicador não definido.
.....	Erro! Indicador não definido.
2.1-	Erro! Indicador não definido.
2.2-	Erro! Indicador não definido.
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS.....	Erro! Indicador não definido.

RESUMO

O BRINQUEDO, AS BRINCADEIRAS E O BRINCAR EM AMBIENTES DIVERSIFICADOS: CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jacqueline Arruda de Melo Carvalho *

Zélia Maria Borges****

RESUMO: esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como objetivo discutir a importância dos jogos e das brincadeiras no processo de aprendizagem e do desenvolvimento infantil, bem como descrever a necessidade de ambientes diversificados para tal. Este estudo fundamentou-se em teóricos especialistas na área, em obras e documentos da Educação Infantil, desenvolvendo assim, uma pesquisa bibliográfica, com análise qualitativa. Os resultados encontrados indicam que o papel do professor da Educação Infantil deve priorizar a necessidade de abordar os jogos e as brincadeiras em ambientes educacionais, isto porque, eles estimulam e incentivam as crianças a desenvolverem-se de forma integral, natural e espontânea, necessitando de espaços diversificados para chegarem a um potencial mais amplo. É imprescindível que as ações dos professores sejam direcionadas para facilitar o aprendizado e o desenvolvimento da criança de forma intencional e eficiente.

Palavras-chave: Jogos. Brincadeiras. Criança. Aprendizagem. Educação Infantil.

* aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

**** Professora do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestre em Educação Brasileira, Orientadora.

INTRODUÇÃO

Para realização desta Monografia com tema: O brinquedo, as brincadeiras e o brincar: contribuição para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, exploraremos conteúdos bibliográficos com análise qualitativa em livros, artigos e relatos de experiências, incluindo, principalmente, as obras de Piaget (), Vygotsky (), Kishimoto (), Broùgere() e Oliveira () os quais tratam especificamente a respeito do tema em questão, visando apresentar suas abordagens teóricas para uma análise conceitual diante de tais abordagens.

A partir da leitura e fichamento, discorreremos sobre o que se identifica como relevante para ser adequado com o desenvolvimento do trabalho, na tentativa de compreender a importância dos ambientes diversificados para a aprendizagem e o de desenvolvimento da criança na Educação Infantil, através dos brinquedos e das brincadeiras, evidenciando a importância dos ambientes diversificados de aprendizagem na formação integral das crianças na Educação Infantil, através dos brinquedos e das brincadeiras. Para tanto, o problema de investigação desta Monografia é: Qual a importância dos ambientes diversificados de aprendizagem no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na Educação Infantil, através dos brinquedos e das brincadeiras?

Falar sobre brincadeiras na Educação infantil é como voltar no tempo, lembrando da minha infância e de como aprendi e me desenvolvi. Quando comecei a estagiar na Educação Infantil me esqueci dessa época e tive certas barreiras e preconceitos com a brincadeira de forma livre, pois me parecia que as crianças estavam só passando o tempo, me debrucei nos livros e aprendi que é justamente nas brincadeiras que as crianças conseguem se descobrir, descobrir o outro, o ambiente e a se relacionarem, por isso me senti tão envolvida com essa perspectiva, visto que antes eu não conseguia vislumbrar tamanha importância nas brincadeiras.

No âmbito acadêmico, é de fundamental importância falar de um momento tão propício para o desenvolvimento, as crianças dessa idade (Educação Infantil), estão a todo momento aprendendo, e mostrar o que pode ser feito e ensinado com as brincadeiras, de uma forma leve e natural é incrível. Socialmente, se todos soubessem da importância do estímulo nas brincadeiras e de certas intervenções, as crianças se beneficiariam cada vez mais, podendo ampliar seu desenvolvimento e seu repertório cognitivo, social, emocional, cultural e físico.

Para Kishimoto (2010), o brincar para as crianças, é a atividade principal do dia a dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como linguagem para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

A brincadeira, portanto, é o alicerce fundamental para a aprendizagem e para o desenvolvimento das crianças, escolhemos esse tema, para evidenciar que as crianças devem ter um ambiente rico e incentivador no quesito de brincadeiras, em que elas possam usar a criatividade, a descoberta, o faz de conta, os brinquedos, a favor do novo e sintam-se sempre diante de uma nova aventura a ser desfrutada.

Neste sentido, esta Monografia tem os seguintes objetivos: realizar uma pesquisa bibliográfica para compreender a temática em questão; discutir a importância dos ambientes diversificados de aprendizagem; estudar as concepções de infância e de criança; compreender a importância dos ambientes diversificados para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Assim, esta Monografia está dividida em dois capítulos. No primeiro realiza-se uma discussão no sentido de compreender a infância e a Educação Infantil numa concepção histórica, social e cultural. No segundo capítulo discute-se o brincar, as brincadeiras e o brincar em ambientes diversificados e sua contribuição para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

CAPÍTULO 1

INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA CONCEPÇÃO HISTÓRICA, SOCIAL E CULTURAL

Abordaremos neste capítulo as concepções de criança, infância conceitualizando tais conceitos, assim como uma breve historicidade da Educação da Infância e como ela foi ganhando força e espaço no campo educacional. Será realizada ainda uma discussão no sentido de compreender a importância do brinquedo e da brincadeira para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, numa perspectiva vygotskyana.

1.1 Concepções de crianças, infâncias e a Educação Infantil

Para refletirmos sobre as brincadeiras dentro do contexto escolar e proporcionar ambientes diversificados, a fim de ampliar o repertório das crianças, é preciso nos referenciarmos sobre o que é criança e o que é infância, visto que estas duas se inter-relacionam e, por muitas vezes, é considerado um só, mas existe uma diferença importante. Criança é um ser sócio histórico, é o indivíduo, já a infância revela o tempo em que esse indivíduo se constitui e constrói a sua história, sua cultura e sua sociedade, existem diversos conceitos de criança e infância, pois elas se constroem a partir dos contextos sociais, (GOIÂNIA, 2014).

De acordo Oliveira (2007) considerar a criança sujeito histórico cultural nos exige pensar sobre as dimensões de cuidado, formas de manifestação e inserção social das crianças, assim como considerá-las sujeitos de direitos

garantindo seu bem-estar, sua expressão, seus movimentos, segurança, o brincar, o contato com a natureza e acesso ao conhecimento.

Mas nem sempre esse foi o rumo da perspectiva educacional, o desenvolvimento científico impulsionou a formulação de um pensamento pedagógico voltado para a era moderna, enfatizando a importância da educação para o desenvolvimento social, tornando a criança o centro do interesse educativo dos adultos, passando a ser vista como sujeito de necessidades e objeto de expectativas e cuidados, situada em um período de preparação para o ingresso no mundo dos adultos, o que tornava a escola um espaço fundamental, estabelecendo as bases de um sistema de ensino mais centrado na criança. Embora com ênfases diferentes entre si, as propostas de ensino reconheciam que as crianças tinham necessidades próprias e características diversas das dos adultos, como o interesse pela exploração de objetos e pelo jogo (propostas de atividades em instituições escolares) (OLIVEIRA, 2007).

Segundo Oliveira (2007) a ideia da atividade do próprio aluno como impulsionadora de seu crescimento intelectual e o valor da brincadeira na aprendizagem surgiu com autores que buscavam romper com a educação tradicional e preocupavam-se que a educação vinha do amor e da liberdade. O fortalecimento dessas ideias, se contrapunham ao que era até então pensado ser o processo escolar básico.

Essa nova ideia de educação trouxe impressões sensoriais advindas da experiência com manuseio de objetos que seriam internalizadas e futuramente interpretadas pela razão, já a exploração do mundo no brincar era vista como uma forma de educação pelos sentidos. A proposta era que fosse dada à criança a oportunidade de aprender coisas dentro de um campo abrangente de conhecimentos, com materiais pedagógicos e atividades diferentes, criadas com as crianças de acordo com suas idades, colaboraria para desenvolver aprendizagens abstratas, estimulando a comunicação oral. Oliveira (2007) destaca que Rousseau revolucionou a educação ao repensar a concepção de infância:

Rousseau revolucionou a educação de seu tempo ao afirmar que a infância não era apenas uma via de acesso, um período de preparação para a vida adulta, mas tinha valor em si mesma. Caberia ao professor

afastar tudo o que pudesse impedir a criança de viver plenamente sua condição (OLIVEIRA, 2007, p.).

Em vez do disciplinamento exterior, propunha que a educação seguisse a liberdade e o ritmo da natureza, contrariando os dogmas religiosos da época, que priorizavam o controle dos infantes pelos adultos. Defendia uma educação não orientada pelos adultos, mas que fosse resultado do livre exercício das capacidades infantis e enfatizasse não o que a criança tem permissão para saber, mas o que é capaz de saber. Ressaltava que a criança deveria aprender por meio da experiência, de atividades práticas, da observação, da livre movimentação, de formas diferentes de contato com a realidade, impulsionando condições para posteriores discussões sobre a brincadeira infantil. Rousseau abriu caminho para as concepções educacionais de Pestalozzi (1746- 1827), que também foi contra o intelectualismo excessivo da educação tradicional.

Educar deveria ocorrer em um ambiente o mais natural possível, num clima de disciplina estrita, mas amorosa, e pôr em ação o que a criança já possui dentro de si, contribuindo para o desenvolvimento do caráter infantil. Pestalozzi destacou ainda o valor educativo do trabalho manual e a importância de a criança desenvolver destreza prática, e que a educação deveria ser metodicamente ordenada para os sentidos, onde a percepção da criança seria educada pela intuição e o ensino deveria priorizar coisas, não palavras, criando um clima de amor, simpatia e encorajamento, sendo assim, as crianças estariam livres para aprender sobre si mesmos e sobre o mundo.

O modo básico de funcionamento da proposta educacional de Pestalozzi, incluíam atividades de cooperação e o jogo, entendidos como a origem da atividade mental, da intuição e da espontaneidade infantil, priorizando uma autoeducação pelo jogo, por características intelectuais e morais e seu valor no desenvolvimento físico (OLIVEIRA, 2007)

Os recursos pedagógicos, básicos neste modelo, eram divididos em dois grupos: as prendas/dons (materiais que não mudavam de forma, incentivavam as crianças a fazer construções variadas e formar um sentido da realidade) e as ocupações (materiais que se modificavam com o uso, oportunizando a modelagem, recorte, dobradura, estimulando a iniciativa da criança no desenvolvimento de atividades formativas pessoais).

A Educação Infantil no Brasil foi de certa forma acompanhando o progresso dos outros países, mas teve suas peculiaridades, até meados do século XIX as crianças pequenas não recebiam atendimentos em instituições como creche ou parques infantis. No meio rural onde estava a maior parte da população o cuidado com crianças órfãs e abandonadas era feito por algumas famílias de fazendeiros, já na zona urbana os filhos ilegítimos das famílias de prestígio eram colocados nas “rodas dos expostos”, essas rodas existiram até início do século XVIII.

Toda essa estrutura começa a se modificar a partir da segunda metade do século XIX, com a abolição da escravatura no país, mudando o perfil da sociedade com a migração para a zona urbana, dando maiores condições do desenvolvimento cultural e tecnológico, assim como para a Proclamação da República como forma de governo.

1.2. A criança e a Educação Infantil

Com a mudança do governo e a república em andamento, novas formas de proteção a criança e iniciativas para o combate a mortalidade infantil surgiram, como unidades de amparo, novos problemas como o que fazer com os filhos de escravos que já não seguiriam mais os passos dos pais, portanto criaram asilos, creches e internatos, ou instituições similares para cuidar das crianças pobres.

Oliveira (2007) relata que no final do século XIX por influência estrangeira e visando amenizar a culpa das famílias, foram criados os jardins-de-infância em alguns setores sociais, junto vieram os debates políticos, alguns acreditavam que era apenas mais um lugar para “guardar” as crianças, e outros defendiam que teriam vantagens para o desenvolvimento infantil.

Em 1875 os primeiros jardins-de-infância privados foram construídos nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e alguns anos, mais tarde os públicos também surgiram destinados a cuidarem das crianças dos estratos sociais mais afortunados, com uma programação pedagógica seguindo Froebel. Rui Barbosa acreditava que o jardim-de-infância era a primeira etapa do ensino primário e apresentou em 1882 um projeto de escolas infantis e jardim-de-infância.

Segundo Oliveira (2007) na exposição pedagógica de 1885 ocorrida no Rio de Janeiro, os jardins-de-infância foram considerados prejudiciais, pois retiravam as crianças muito cedo do seu ambiente familiar e eram confundidos com salas de asilo, portanto eram permitidos somente no caso de proteção aos filhos de mães trabalhadoras.

Começaram a aparecer posições históricas sobre a Educação Infantil como o assistencialismo e uma educação compensatória aos menos favorecidos, e planejar um ambiente que impulsiona essa etapa da educação era bem difícil. Em 1899 fundaram o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, assim como criaram um Departamento da Criança (iniciativa governamental), em decorrência surgiram diversas escolas infantis e jardins-de-infância criados por imigrantes europeus. A partir de então o número de escolas e creches passou a aumentar em todo o país (OLIVERIA, 20007)

Com a drástica mudança patriarcal da família, onde as mães também tiveram que procurar emprego nas fábricas, o problema só se agravou e as crianças pequenas precisavam de cuidados, muitas delas ficavam com “criadeiras”, mas devido a precariedade higiênica e material, a taxa de mortalidade era alta, e em resposta aos problemas surgidos ocorreu em 1922 o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância e temas como a educação moral e higiênica foram discutidos e elaborados, enquanto isso educadores buscavam defender a qualidade do trabalho pedagógico e apoiaram o “escalnovismo” - Movimento de Renovação Pedagógica.

Em 1924 os educadores defensores da Escola Nova fundaram a Associação Brasileira de Educação, o ritmo da evolução educacional continuou seguindo e criaram em 1932 o manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, um documento que defendia: “a educação como função pública, a existência de uma escola única e da coeducação de meninos e meninas, a necessidade de um ensino ativo nas salas de aula e de o ensino elementar ser laico, gratuito e obrigatório” (OLIVEIRA, 2007, p. 98).

A autora Oliveira (2007) continua destacando que as creches e jardins-de-infância que existiam fora das indústrias eram laicas ou filantrópicas, e tinham caráter principal como assistencial-protetoral, portanto, pouco se preocupavam com o trabalho voltado para a educação e ao desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças.

Com a mudança social onde as mulheres tiveram que sair do âmbito familiar e irem em busca de trabalho, tanto na área da indústria, do comércio e das funções públicas novas diretrizes foram surgindo e nesse contexto a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi aprovada na lei 4024/61 estimulando a criação dos jardins-de-infância e a sua inclusão no sistema de ensino. Neste sentido, Oliveira (2007) destaca alguns artigos da LDB 4.024/61:

Art. 23 A educação pré-primária destina-se aos menores de até 7 anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância".

Art. 24- "As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária (p.102).

Em 1971 uma nova legislação foi formulada e definiram que crianças com idade inferior a 7 anos receberiam educação em escolas maternas, jardins-de-infância ou instituições equivalentes. O fluxo das mudanças continuou e emergiram uma educação compensatória com a possibilidade de superação das condições sociais a que estavam sujeitas as crianças menos afortunadas. Como consequência, propostas de desenvolvimento afetivo e cognitivo para as crianças foram adotadas pelos jardins-de-infância onde eram educadas as crianças de classe média, criando uma nova visão de ensino para crianças pequenas. Na década de 70 o processo de municipalização da educação pré-escolar foi incentivado e em 1972 mais de 400 mil matrículas foram efetivadas (OLIVEIRA, 2007).

Todos esses fatores sociais junto com o surgimento de psicólogos e das pesquisas sobre a educação e a importância dos primeiros anos de vida no desenvolvimento da criança, fizeram mudanças no trabalho exercido nas creches e jardins-de-infância, os quais passaram a ter caráter pedagógico, com maior sistematização das atividades.

Com o término do período militar em 1985 novas políticas para as creches foram incluídas no Plano Nacional de Educação (1986), buscando romper com as concepções assistencialistas e compensatórias, foi proposto uma função pedagógica com foco no desenvolvimento linguístico e cognitivo das crianças.

Na Constituição de 1988 a educação em creches e pré-escolas foi reconhecida como um direito da criança e um dever do Estado.

Uma nova mudança se fez presente na década de 90 com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 9068/90, garantindo os direitos das crianças. Nesse mesmo período a Coordenadoria de Educação Infantil, promoveu encontros, pesquisas e publicações na área da Educação Infantil para garantir uma educação de qualidade em creches e pré-escolas para crianças de até 6 anos. Toda essa movimentação ajudou na aprovação da nova LDB, Lei 9394/96, identificando a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, assim como a criação de um Referencial Curricular Nacional formulado pelo MEC e pelas Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil.

Faz-se importante salientar que os educadores pioneiros da educação infantil que exerceram e ainda exercem forte influência no campo são: Decroly, Froebel, Montessori, Piaget, Freinet, Wallon e Vygotsky, suas contribuições na Educação Infantil surtiram efeito no desenvolvimento da motricidade, da linguagem e da cognição, e demonstraram que a brincadeira e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade se fazem primordiais na Educação Infantil.

1.3 Brinquedo e brincadeira numa perspectiva vygotskyana

De acordo com Vygotsky (1998) o brinquedo não é o aspecto predominante da infância, mas é um fator muito importante do desenvolvimento, devido a sua enorme influência, busquemos compreender melhor a definição do mesmo. Não podemos definir o brinquedo como uma atividade que dá prazer a criança, pois existem muitas outras atividades que levam a criança a ter prazer e não somente o brinquedo, assim como existem jogos em que a própria atividade não é agradável, levando em consideração que depende do resultado para gerar prazer na criança.

Para nos referimos ao desenvolvimento geral da criança devemos levar em consideração suas necessidades e incentivos para colocá-la em ação, pois

sem eles não conseguiríamos entender seu avanço de um estágio para o outro, pois todo o seu desenvolvimento está inter-relacionado as suas tendências, incentivos e motivações, então devemos buscar entender a singularidade do brinquedo como uma forma de atividade para a criança.

Vygostsky (1998) afirma que os brinquedos surgiram de uma necessidade de saciar um desejo que não pode ser realizável instantaneamente ou a curto prazo, e para resolver essa questão a criança entra num mundo ilusório onde seus desejos não realizáveis possam ser realizados, e esse mundo é o que podemos chamar de brinquedo (surge originalmente da ação), podemos dizer que a imaginação é o brinquedo sem ação. Nem todos os desejos não satisfeitos se tornam realidade do brinquedo. As crianças não entendem as motivações que dão origem ao jogo.

Portanto, o brinquedo se difere de outras formas de atividade, pois a criança cria uma situação imaginária. Devemos indagar que essa característica sempre esteve presente nos jogos, mas ela é mais que uma simples característica, ela é definidora. O brinquedo é simbólico, mas não pode ser considerado um sistema de signos que generalizam a realidade, sendo primordial definirmos o papel da motivação, as circunstâncias da atividade da criança, e o papel do brinquedo no desenvolvimento posterior (VYGOSTSKY, 1998).

O que na vida real passa despercebido pela criança, torna-se uma regra de comportamento no brinquedo. Portanto, a noção de que uma criança pode se comportar em uma situação imaginária sem regras, é simplesmente incorreta. O mais simples jogo com regras, transforma-se imediatamente numa situação imaginária, no sentido de que, assim que o jogo é regulamentado por certas regras, várias situações de ação são eliminadas. O desenvolvimento a partir de jogos em que há uma situação imaginária às claras e regras ocultas para jogos com regras às claras e uma situação imaginária oculta, delineia a evolução do brinquedo das crianças.

O comportamento das crianças é de certa forma previsível, e quanto mais nova, mais previsível é, devido a restrição situacional, a qual a situação ajuda a delimitar qual é o comportamento mais provável. A natureza motivadora dos objetos, dita a criança o que ela deve fazer (uma porta pode-se abrir ou fechar).

No brinquedo, no entanto, os objetos perdem sua força determinadora, e a liberdade de ação segue um longo processo de desenvolvimento. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas ideias e não pelos objetos.

Segundo Vygotsky (1998) para a criança, o objeto é dominante na razão objeto-significado e o significado subordina-se a ele. No brinquedo, o significado torna-se o ponto central e os objetos são deslocados de uma posição dominante para uma posição subordinada. A criação de uma situação imaginária é a primeira emancipação da criança em relação às restrições situacionais.

Para o autor o maior autocontrole da criança ocorre na situação de brinquedo. Assim, o atributo essencial do brinquedo é que uma regra torna-se um desejo. O brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos o que no futuro vai delinear o seu nível básico de ação real e moralidade. Uma criança não se comporta de forma puramente simbólica no brinquedo; ao invés disso, ela quer e realiza seus desejos, permitindo que as categorias básicas da realidade passem através de sua experiência (VYGOTSKY, 1998).

As transformações internas no desenvolvimento da criança que surgem em consequência do brinquedo, criam uma zona de desenvolvimento proximal. O brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.

A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança. O brinquedo é muito mais a lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu do que imaginação. É mais a memória em ação do que uma situação imaginária nova (VYGOTSKY, p. , 1998)

No final do desenvolvimento surgem as regras, e, quanto mais rígidas elas são, maior a exigência de atenção da criança, maior a regulação da atividade da criança, mais tenso e agudo torna-se o brinquedo. Sob o ponto de vista do desenvolvimento, a criação de uma situação imaginária pode ser considerada como um meio para desenvolver o pensamento abstrato.

Pode-se concluir que é de muita importância para os professores conhecerem a história da educação infantil e como ela foi se constituindo ao longo dos anos. Falar de educação infantil, crianças e suas particularidades é

ver a criança como um todo, inserido no meio social, buscando se desenvolver e criar seus signos e significados. A importância da brincadeira/jogos na educação da criança se faz presente auxiliando no seu desenvolvimento físico, social, emocional e cognitivo.

CAPÍTULO 2

O BRINQUEDO, AS BRINCADEIRAS E O BRINCAR EM AMBIENTES DIVERSIFICADOS: CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo trataremos da importância da escuta e da observação para promover ambientes para brincadeiras, brinquedos e o brincar, assim como da importância do repertório de brinquedos e brincadeiras, o que é possível propor nos espaços da Educação Infantil para contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

2.1 A importância da escuta e observação para promover ambientes para brincadeiras, brinquedos e o brincar

Pensando nos direitos das crianças é que vemos a importância das brincadeiras dentro do ambiente escolar, assim como a necessidade de falar da sua magnitude para o desenvolvimento das mesmas. Durante as brincadeiras as crianças interagem com diversos sujeitos possibilitando a aprendizagem, o desenvolvimento e a formação humana.

Se ignoramos as necessidades das crianças e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio do desenvolvimento para o outro, pois as crianças

precisam de tempo e estimulação para desenvolverem a maturação das suas necessidades, conforme Dolle (1991), afirmou em seus estudos sobre Piaget.

No início da idade pré-escolar (2,5 anos), quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, permanece ainda a característica do estágio precedente de uma tendência para a satisfação imediata desses desejos, então o comportamento da criança muda. Para resolver essa tensão, a criança na idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo, (Vygotsky, 1998).

As brincadeiras são práticas educativas e pedagógicas comprometidas com a aprendizagem, o desenvolvimento e a inclusão social das crianças, elas aprendem com o “outro” em contextos e relações sociais culturalmente mediados. Esses momentos são preciosos, pois as crianças constroem essas relações, de reciprocidade, de cooperação e de conflito entre si, elas também produzem e se apropriam do conhecimento, as vivências, experiências e aprendizagens permitem às crianças ampliar, diversificar e complexificar seus conhecimentos de si, do outro, do mundo e dos fenômenos da natureza;

Dessa forma, a existência do eu só é permitida a partir do contato com o outro, ou seja, alteridade parte do pressuposto de que todo homem social interage com outros indivíduos e nessa interação se reconhece e se diferencia no e do outro, (ABBAGNANO, 1998, p.34)

É dever dos profissionais da educação e da escola criar espaços e oportunidades para tal.

É importante destacarmos que espera-se que diversifique e complexifique os conhecimentos das crianças enquanto espaço propício para complementar a educação oferecida pela família, para que possam aprender novos e diferentes conhecimentos e saberes a partir de vivências e experiências, onde os processos de escuta e participação das crianças está ativo, permitindo assim que suas expressões ganhem destaque, criando significado para a criança.

Portanto, é preciso darmos voz a ela, sabermos ouvi-la e compreendê-la como alguém capaz de transformar o seu espaço e o seu tempo histórico, social

e político e, também, a reconhecermos como um sujeito que encontra, no outro e nas interações, condições que lhes permita formular, questionar, construir e reconstruir no espaço/tempo educativo.

O primeiro aspecto que deve ser enfatizado é a observação da criança, pois ela tem gosto, sabe escolher e construir seus brinquedos e tem suas preferências. Durante todo o período da educação infantil é importante a introdução das brincadeiras, a condição de produção de brinquedos e brincadeiras e a opção pelo brincar desde o início é o que garante a cidadania da criança e ações pedagógicas de maior qualidade.

O brincar é a parte mais importante do dia a dia, pois a brincadeira permite à criança tomar decisões, expressar os seus sentimentos, etc. A pouca qualidade da educação infantil pode estar relacionada com a oposição que alguns estabelecem entre o brincar livre e o dirigido. (KISHIMOTO, 2010).

É preciso desconstruir essa visão equivocada para pensar na criança inteira, que, em sua subjetividade, aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo para brincar e a mediação do adulto ou de outra criança, para aprender novas brincadeiras. A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras. Depois que aprende, pode reproduzir ou recriar novas brincadeiras. Assim, ela vai garantindo a circulação e preservação da cultura lúdica, (KISHIMOTO, 2010, p. 1 e 2)

A seleção e produção de brinquedos para as crianças na educação infantil envolve diversos aspectos: ser durável, atraente, adequado e apropriado a diversos usos, garantir a segurança e ampliar oportunidades para o brincar; atender à diversidade racial, não induzir a preconceitos de gênero, classe social e etnia; não estimular a violência; incluir diversidade de materiais e tipos de brinquedos tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, professoras e pais. O tamanho do brinquedo deve ser maior que a mão da criança, tem que ter uma durabilidade maior. Os adultos precisam ficar atentos a acesso a brinquedos tóxicos, inflamáveis.

O primeiro brinquedo do bebê é o adulto, que conversa e interage com ele e o faz ver e descobrir o mundo. Entre as brincadeiras interativas que levam o bebê a se expressar é muito conhecida a de esconder e descobrir o rosto usando uma fralda e dizendo “cucu”, “escondeu”, “achou”. Quando toma iniciativa e esconde um brinquedo, o bebê já domina a brincadeira e expressa seu domínio de forma prazerosa, repetindo sua nova experiência, variando as situações.—[...] (KISHIMOTO, 2010, p. 4)

Crianças de 3 a 4 anos, atingem o auge do desenvolvimento simbólico. Nesse período, a criança utiliza “guias” ou roteiros que possibilitam desenvolver o tema da brincadeira. Na brincadeira coletiva, em que se partilha o tema de ser o motorista, há um roteiro combinado pelas crianças: uma dirige o caminhão-cegonha que transporta vários carrinhos; outra, o caminhão-caçamba que transporta entulhos. Mesmo na categoria de motorista, cada uma tem um tipo diferente de trabalho, que auxilia a expressão da situação imaginária, e todas se encontram no posto de gasolina para colocar combustível. A brincadeira de ser motorista, com várias personagens e um roteiro partilhado, enriquece a experiência dramática da criança, além de trabalhar a relação social das mesmas.

A linguagem verbal (objetivo) se amplia nas brincadeiras imaginárias, na companhia de outras crianças e, principalmente, com a participação do(a) professor(a). Brincar com tinta, fazer tintas com plantas, com terra e utilizá-las para expressar o prazer de misturar, de ver as cores e depois representar coisas de que gosta é outra modalidade de linguagem plástica que requer materiais apropriados. As crianças gostam de fazer marcas para expressar sua individualidade,—e as tintas são ferramentas para essa finalidade. Massinhas, argila, gesso ou materiais para desenhar, pintar, fazer colagens e construções com diferentes objetos são linguagens plásticas que dão prazer às crianças.

Kishimoto (2010), enfatiza que o brincar é um dos eixos importantes do trabalho pedagógico, é preciso observar e acompanhar cada criança para verificar quais são seus brinquedos e brincadeiras preferidos, com quem brincou, como brincou, o que fez de novo em cada semana, se interagiu com a diversidade dos objetos e crianças de seu agrupamento e de outros, se brincou de faz-de-conta com guias simples ou complexos, com quem e o que fez.

A ausência de guias mais complexos pode ter como causa a falta de brinquedos adequados para ampliar o repertório das crianças, a falta da participação do(a) professor(a) no brincar ou a falta de estruturação do ambiente com brinquedos, materiais e mobiliário adequados. Para uma criança de 2 a 3 anos, pode ser um problema. É preciso verificar a causa. Muitas vezes faltam brinquedos e a ação do(a) professor(a) para diversificar o brincar.

É pela observação diária dos interesses e da evolução do brincar de cada criança que se pode acompanhar a qualidade do trabalho pedagógico. Os instrumentos de observação e registro devem servir como base para o planejamento das atividades. Uma estratégia para organizar os registros é definir diariamente que crianças devem ser observadas, a fim de que, ao longo da semana, seja possível observar todo o agrupamento.

Portanto, a brincadeira é um espaço para socialização, para aprendizagem da sociabilidade, é uma experiência de cultura, desenvolve-se a experiência estética e complexo processo interativo e reflexivo que envolve a construção de habilidades, conhecimentos e valores sobre o mundo e se faz tão importante e fundamental para o desenvolvimento adequado das crianças e, por isso, essa pesquisa visa ampliar e diversificar os ambientes a fim de criar mais possibilidades para o desenvolvimento infantil.

2.2 Repertório de brinquedos e brincadeiras: o que é possível elaborar nos espaços da Educação Infantil

Antes de entrarmos no repertório de brinquedos e brincadeiras, faz-se necessário distinguirmos tais termos, pois um mesmo comportamento pode ser visto como jogo ou não jogo depende do expectador que está analisando, seja ele uma tribo indígena onde o arco e flecha é visto como habilidade de subsistência ou uma criança que vive na sociedade e usa esse recurso como brincadeira.

Como podemos definir os jogos? Brougère (2008) destaca e aponta três níveis de diferenciações, são elas: resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social (cada contexto social constrói uma

imagem de jogo conforme seus valores e modo de vida os quais se mostram através da linguagem); um sistema de regras (são as regras do jogo que distinguem a estrutura sequencial que especifica sua modalidade) e um objeto (material utilizado para fabricar tais objetos, papelão, madeira, plástico, metais ou pedras). O objeto é um suporte da brincadeira, ele é um estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil, enfim cada contexto social constrói uma imagem de jogo conforme seus valores e modos de vida que se expressa por meio da linguagem: Deferindo do jogo, o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização (BROUGÈRE, 2008, p.18)

Um dos objetivos do brinquedo é colocar a criança na presença de reproduções, é dar a criança um substituto dos objetos reais para que possam manipulá-los, ele permite a evocação mesmo em ausência da realidade, fotografando a realidade e representando também uma realidade imaginária (desenhos estórias contos de fada). Portanto, o brinquedo estimula a representação, já o jogo é definido por uma estrutura pré existente no próprio objeto e suas regras e, por isso, não podemos reduzir o vocabulário brinquedo na pluralidade de sentidos do jogo, ele tem uma dimensão material, cultural e técnica (BROUGÈRE, 2008).

Segundo Brougère (2008) a criança é um ser inacabado, sem nada específico, ela é portadora de uma natureza própria que deve ser desenvolvida, e o brinquedo a ajuda nessa construção e desenvolvimento, já a brincadeira é a ação que a criança desempenha ao concretizar o jogo, é o lúdico em ação.

Os jogos são dotados de características e por isso são vistos também como elemento da cultura produzidos pelo meio social. Só pode ser considerado jogo se a atividade for voluntária do ser humano, se for imposta deixa de ser jogo. Uma de suas características marcantes é que existem regras explícitas e implícitas, além da liberdade de ação do jogador, predominando o caráter não produtivo, pois não visam resultado final, é o processo de brincar onde a criança se impõe.

Para Brougère (2008) existem alguns critérios para identificar os jogos: a não literalidade (realidade interna predomina sobre a realidade externa), o efeito positivo (signos do prazer alegria, efeitos positivos e os aspectos corporal, moral

e social da criança), a flexibilidade (mais disposição, ensaiar novas combinações de ideias e de comportamentos em situações de brincadeiras entre outras atividades não recreativas, proporcionam mais flexibilidade em buscar alternativas de ação), a prioridade do processo de brincar (está concentrada na atividade e não nos resultados ou efeitos), a livre escolha (jogo infantil só pode ser jogo quando escolhido livremente e espontaneamente pela criança, caso contrário é trabalho ou ensino), controle interno (os jogadores quem determinam o desenvolvimento do que acontece, quando um professor utiliza um jogo educativo em sala de aula de modo coercitivo, não oportuniza os alunos a liberdade e o controle, predominando nesse caso o ensino e a direção do professor).

Brougère (2008) afirma que os jogos têm múltiplos sentidos na educação, desde os primórdios da sociedade ele era visto como recreativo, mas a partir do Renascimento começou a ser um instrumento de desenvolvimento da linguagem e do imaginário, pois desempenha um papel importante como motor do autodesenvolvimento sendo conseqüentemente um método natural da educação. É pela brincadeira e imitação que se dá o desenvolvimento natural, e a partir dela podemos diagnosticar alguns problemas das crianças, é uma forma de estudá-lá e perceber seus comportamentos. Segundo o autor,

Pode-se chamar jogo todo processo metafórico resultante da decisão tomada e mantida como um conjunto coordenado de esquemas conscientemente percebidos como aleatórios para a realização de um tema deliberadamente colocado como arbitrário (HENRIOT, 1989, *apud* BROUGÈRE, 2008, p. 35)

Deve-se então utilizar os jogos como educativos em sala de aula quando respeitadas as características e fundamentos dos jogos, pois estes são de extrema relevância para situações de ensino-aprendizagem e do desenvolvimento infantil. Ao permitir a criança a intencionalidade, a construção de representações mentais, a manipulação de objetos, a troca de interações, o jogo contribui para as múltiplas inteligências e representações da criança. O jogo contribui com o lúdico mas é dever do trabalho pedagógico ofertar estímulos externos e a sistematização de conceitos em diversas atividades e não só nos jogos (BROUGÈRE, 2008).

Brougère (2008) ressalta algumas modalidades de brincadeira presentes na Educação Infantil e essenciais ao desenvolvimento infantil: **brincadeiras tradicionais infantis** expressando primordialmente a oralidade, tem a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social e permite o prazer de brincar garantindo a situação imaginária, **brincadeiras de faz de conta** também conhecida como simbólica, permite a representação de papéis, representação da linguagem e conta com a presença da situação imaginária, onde a expressão de regras implícitas é conduto para a aprendizagem, visto que os conteúdos veiculados durante as brincadeiras infantis, bem como os temas de brincadeiras e materiais para brincar, as oportunidades para interações sociais e tempo disponível são todos fatores que dependem basicamente do currículo proposto pela escola, a importância dessa modalidade de brincadeira justifica-se pela aquisição do símbolo, já as **brincadeiras de construção** enriquece a experiência sensorial, estimula a criatividade e a imaginação infantil ajudando a desenvolver habilidades da criança, pois construindo a criança está expressando suas representações mentais além de manipular objetos.

Após os estudos neste capítulo é possível ressaltar a importância do papel ativo das crianças dentro da escolha e planejamentos dos jogos e brincadeiras, para que sua integração e interação com os colegas, com os adultos, com os jogos, os brinquedos e as brincadeiras contribuam de forma integral em seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual a importância dos ambientes diversificados de aprendizagem no processo de aprendizagem e de desenvolvimento da criança na Educação Infantil, através dos brinquedos e das brincadeiras.

REFERÊNCIAS

DOLLE, Jean-Marie. **Para compreender Jean Piaget**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1991.

GOIÂNIA. **Secretaria Municipal de Educação. Infâncias e Crianças em Cena: por uma Política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Educação de Goiânia / Secretaria Municipal de Educação.-** Goiânia: SME, DEPE, DEL, 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. USP. Belo Horizonte, 2010.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. 1896-1934. **A formação social da mente: desenvolvimento de processos psicológicos superiores/** L. S. Vigotski; organizadores Michael Coleman: tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. – 6ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura.** 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.